GEOPOLÍTICA

Nem Lula consegue animar o Uruguai

Presidente aponta o acordo comercial com a União Europeia como prioridade do Mercosul, mas descontentamento do país vizinho expõe fratura no bloco

» HENRIQUE LESSA
» INGRID SOARES
» VICTOR CORREIA

Dante Fernandez/AFP



Lula cumprimenta Lacalle Pou, do Uruguai, que ameaça deixar o Mercosul por causa do "imobilismo" do bloco

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) assumiu, ontem, em Puerto Iguazú, na Argentina, a presidência rotativa do Mercosul. A posse do brasileiro, 13 anos depois de deixar a liderança do grupo, foi um retorno com um gosto meio amargo com as indicações de afastamento do Uruguai do grupo, apesar do entusiasmo e das promessas de Lula em relação ao fortalecimento do bloco.

O presidente do Uruguai, Lacalle Pou, repetiu o posicionamento de segunda-feira do seu chanceler, Francisco Bustillo, e disse ser favorável à "flexibilização" do grupo por causa do "imobilismo" da aliança em fechar acordos comerciais com outros países e blocos. Pou confirmou que o Uruguai seguirá negociando o acordo bilateral com a China, mas convidou os demais sócios do Mercosul — Brasil, Argentina e Paraguai — a se sentarem à mesa para buscar um denominador comum com o líder chinês Xi Jinping.

"Se não avançarmos juntos, entendemos a visão de cada um de vocês. A nossa é que façamos juntos. Se não podemos fazer assim, vamos fazer bilateralmente", disse o uruguaio.

As declarações apontam para um ultimato uruguaio, que, ao final da 62ª Cúpula de Chefes de Estado, se negou, novamente, a assinar o comunicado conjunto do Mercosul. A posição do Uruguai não é nova, já é a quarta vez que o país deixa de assinar um documento conjunto. Desde 2021, depois da posse de Lacalle Pou, que é líder da centro-direita do país, o vizinho vem adotando a linha de afastamento dos demais sócios do bloco.

Lula reagiu às declarações do Uruguai reforçando sua confiança na integração regional e voltou a prometer que será fechado o acordo do Mercosul com a União Europeia ainda neste ano. Disse que iria ligar hoje para o líder espanhol, Pedro Sánchez, que assumiu a presidência rotativa da União Europeia no último sábado.

Sem citar o Uruguai, lembrou que os dados indicam um incremento importante no desenvolvimento econômico dos sócios em decorrência da existência do Mercosul ao longo dos últimos 20 anos.

"É normal que a gente reclame, é normal que a gente queira mais, que a gente queira crescer, mas, se pegarmos o que nós crescemos nesses últimos 20 anos em função do Mercosul, é um crescimento extraordinário e excepcional. A gente pode querer mais, a gente pode fazer mais, mas a gente não pode negar que tivemos avanços extraordinários", disse Lula, justificando a importância do grupo enquanto o uruguaio escutava.

Reforçando a unidade, sinalizou o interesse do Brasil, na presidência rotativa, de estudar as solicitações dos demais sócios e ampliar os acordos comerciais do bloco. Lula disse que vai revisar e expandir os acordos feitos com o Canadá, a Coreia do Sul e com Singapura, além de buscar novos tratados com China, Indonésia e Vietnã, além de ampliar as parcerias do Mercosul com os países da América Central e Caribe. Segundo o brasileiro, o bloco terá uma "agenda externa ambiciosa".

Usando a Argentina como exemplo, descartou a possibilidade de um país membro deixar o grupo e ter êxito no seu desenvolvimento comercial. "Eu acredito que não há a menor possibilidade de qualquer saída, nem para um país do tamanho do Brasil, se nós não estivermos juntos. Eu acho muito difícil a gente imaginar que sozinha a Argentina vai sair porque vai negociar, não vai", disse o brasileiro.

Lacalle Pou, por sua vez, disse que o país prefere uma negociação conjunta, mas reclamou que o Uruguai registra o pior saldo na balança comercial dentro do bloco, e falou que a "flexibilização" é uma demanda "do povo" contra o "imobilismo" do Mercosul.

"Muitos governantes (uruguaios) têm falado o mesmo, que é necessário que o Mercosul se flexibilize. Não posso fazer outra coisa que não dizer o que o povo sente, que é a flexibilização, que é abrir-se ao mundo. Não somos bobos. Claro que é melhor negociarmos juntos, se vamos juntos, vamos ser muito mais fortes e teremos condições de negociar, mas o imobilismo é o que nos preocupa", disse o líder uruguaio em seu ultimato ao grupo.

Negociação com UE

Lula reforçou diversas vezes seu compromisso em fechar o acordo entre o bloco econômico e a União Europeia. Mesmo o acordo sendo um dos melhores trunfos do brasileiro para acalmar as tensões internas, não aliviou o tom das críticas às exigências europeias feitas em um documento complementar que estabelece sanções em caso de descumprimento de exigências ambientais.

"O Instrumento Adicional apresentado pela União Europeia em março deste ano é inaceitável. Parceiros estratégicos não negociam com base em desconfiança e ameaça de sanções. É imperativo que o Mercosul apresente uma resposta rápida e contundente", disse Lula, que também reiterou a crítica à exigência europeia de que os países do Mercosul liberalizem as compras estatais. "Não temos interesse em acordos que nos condenem ao eterno papel de exportadores de matéria-primas, minérios e petróleo", acrescentou o presidente.

"Ninguém solta a mão de ninguém"

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Brasil e Argentina defendem diálogo com Nicolás Maduro, da Venezuela

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse, ontem, na 62ª Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul, que é necessária a manutenção das conversas com o líder venezuelano, Nicolás Maduro. Falando sobre a Venezuela, repetiu um slogan de campanha do PT — "ninguém solta a mão de ninguém" — para defender que os países sul-americanos se unam frente a outros blocos econômicos.

"Desde janeiro, estive com vários líderes mundiais, em diferentes foros, neste e em outros continentes. O mundo está cada vez mais complexo e desafiador. Nenhum país resolverá seus problemas sozinho nem poderá permanecer alheio aos grandes dilemas da humanidade. Não temos alternativa que não seja a união", preconizou Lula.

Lula defendeu que os vizinhos dialoguem com os venezuelanos e evitem isolar o país. Em um ambiente pouco receptivo para a defesa de Maduro, depois dos presidentes do Paraguai e do Uruguai, Mario Abdo Benítez e Lacalle Pou, cobrarem um posicionamento do Mercosul sobre a Venezuela, Lula foi cauteloso e reforçou o compromisso democrático do bloco.

Sem mencionar violações de direitos humanos na Venezuela, o presidente brasileiro disse desconhecer a situação da candidata de oposição à Presidência daquele país, María Corina Machado, considerada pela Justiça local inabilitada ao pleito. "O que não pode é a gente isolar e levar em conta que apenas os defeitos estão de um lado, os defeitos são múltiplos. Então, precisamos conversar com todo mundo", disse.

O brasileiro prometeu um Mercosul "mais democrático e participativo" e apontou que os problemas políticos não devem ser escondidos, mas enfrentados através do diálogo. Já o presidente argentino, Alberto Fernández, o mais alinhado ao brasileiro, disse que os problemas da Venezuela não devem ter a intromissão de outras nações.

"Os problemas da Venezuela pertencem à Venezuela, e não cabe aos países ficarem se intrometendo. A melhor forma de se fazer isso é recuperando o diálogo com os venezuelanos, que sofrem com as sanções recebidas", disse Fernández.

Bolívia

Lula disse que se empenhará pessoalmente pela entrada da Bolívia no bloco o mais breve possível. "Fortalecer o Mercosul significa contar com a participação de todos os nossos membros. Temos urgência para o acesso da Bolívia como membro pleno e trabalharei pessoalmente por sua aprovação no Congresso brasileiro", disse o presidente.

No discurso, voltou a falar na criação de uma moeda comum, que seria um mecanismo para possibilitar a criação de uma unidade referência comum apenas no comércio entre os países e assim reduzir a dependência de moedas como o dólar.

"A adoção de uma moeda comum para realizar operações de compensação entre nossos países contribuirá para reduzir custos e facilitar ainda mais a convergência. Falo de uma moeda de referência específica para o comércio regional, que não eliminará as respectivas moedas nacionais", disse Lula. (**HL e IS**)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Lula precisa moderar a retórica para não perder apoio do centro

Quinta-coluna, a única peça teatral de Ernest Hemingway, autor de *O velho e o mar*, transporta o leitor aos horrores das batalhas da Guerra Civil espanhola, iniciada em junho de 1936, quando o general Francisco Franco, admirador de Adolf Hitler e Benito Mussolini, líderes do nazifascismo, rebelou suas tropas para derrubar o governo constitucional republicano. Foi mais bem-sucedido do que os que tentaram um golpe e fracassaram na invasão dos palácios dos Três Poderes, em 8 de janeiro, como mostra a série *Os pacientes do Dr. Garcia* (Netflix).

Publicado pela Bertrand Brasil, com tradução de Ênio Silveira e capa primorosa, na qual aparece uma víbora peçonhenta, a peça narra o cerco de Madri, que durou três anos, nos quais ocorreram intensos combates. Quatro colunas das forças franquistas avançaram sobre Madri e a mantiveram sob ataque. Entretanto, havia uma força agindo dentro da cidade, que indicava alvos para os bombardeios, realizava atos de sabotagem e assassinatos. Era a chamada quinta-coluna, termo que passou a designar grupos ou indivíduos que atuam sub-repticiamente, num país ou num partido, a serviço de seus inimigos.

Profundamente antifascista, Hemingway era simpático aos republicanos espanhóis. Ex-combatente, chegou a atuar no treinamento militar dos republicanos que defendiam o governo. Era apaixonado pela Espanha, como mostra outra de suas obras, *O sol também se levanta*, o primeiro romance, lançado em 1926 com com enorme sucesso. Em *Por quem os sinos dobram*, escrita em 1939-1940, já sob o impacto da derrota dos republicanos, denunciou as atrocidades cometidas pelos franquistas, como o bombardeio de Guernica, uma vila de pescadores usada para testar a eficácia da força aérea de Hitler — massacre denunciado pelo pintor Pablo Picasso numa obra magnífica —, e o assassinato-execução do poeta Federico García Lorca.

A Espanha foi a pátria que Hemingway adotou, encantado pelo povo espanhol, tão solar e cheio de vitalidade, na depressiva Europa pós-Primeira Guerra. Era apaixonado pelas touradas, pela comida e, mesmo, pelo idioma. Vê-la tomada pelos fascistas causava-lhe uma dor extrema. A Guerra Civil, inclusive, acabou com um casamento do escritor: Pauline Pfeiffer, segunda esposa de Hemingway, era católica devota e apoiava Franco.

Hemingway nasceu nos Estados Unidos, em 21 de julho de 1899. Foi a referência de uma geração chocada pela carnificina sem precedentes da Primeira Guerra Mundial, na qual lutou como voluntário, na Itália. Ganhou o Prêmio Pulitzer e o Nobel com *O velho e o mar*, respectivamente em 1953 e 1954. Em 2 de julho de 1961, suicidou-se com um tiro de espingarda na cabeça, em Ketchup, Idaho (EUA). Era um dos escritores mais populares do Século 20.

Terceira via

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva precisa separar o joio do trigo ao lidar com as críticas. Uma coisa são os aliados ou apoiadores de Lula no segundo turno, que têm críticas à condução do governo que deveriam ser levadas mais em conta; outra, os setores que apoiaram Bolsonaro e estão se descolando de sua base de apoio, principalmente no Congresso, para aderir ao governo. Em ambos os casos, tratá-los como uma espécie de quinta-coluna é um erro crasso, que alguns ministros e parlamentares do PT vêm fazendo. Os governistas precisam ampliar a base política do governo.

Ciscar pra dentro implica num discurso que tenha mais apoio político na sociedade e alargar o espectro de forças que compõem a base de sustentação do governo no Congresso. Do ponto de vista objetivo, a mudança positiva representada pela eleição do presidente Lula fala por si só, mas isso não significa que sua narrativa tenha a mesma aceitação. A tese da "democracia relativa", por exemplo, não é uma mera patacoada. É uma concepção instrumental do nosso Estado Democrático de Direito, no qual o poder é limitado pelos direitos dos cidadãos, e os abusos de autoridade são coibidos. Essa concepção se desdobra em outros posicionamentos, como aquele que insiste em afirmar que o impeachment da presidente Dilma Rousseff foi um golpe, quando se tratou de um processo político-institucional regulamentado pela Constituição.

Pode ser que o objetivo do presidente Lula seja se entrincheirar no campo da esquerda para enfrentar possíveis reveses no Congresso. Mas isso não vai resolver o problema, porque a hegemonia política não se resume ao exercício do poder político, exige também a liderança moral da sociedade. O PT isolado não tem essa liderança, Lula sem o apoio do centro também não terá. O "apelo às massas" é uma faca de dois gumes, porque fomenta uma radicalização política que pode ser mais favorável à extrema-direita.

De outra parte, a chamada terceira via é sempre uma possibilidade política e, talvez, até necessária, para obrigar Lula a moderar o discurso e dar mais atenção ao centro político. Entretanto, está esvaziada em decorrência de que suas principais lideranças estão no governo, como o vice-presidente Geraldo Alckmin (Desenvolvimento), Simone Tebet (Planejamento) e Marina Silva (Meio Ambiente), ou contingenciadas pelas prioridades de sua própria gestão, como o governador do Rio Grande Sul, Eduardo Leite (PSDB). Quanto à chamada quinta-coluna, "no creo, pero que la hay, la hay!"